

Marcial: *Hispanus* ou *Hispaniensis*?

Joana Mestre Costa¹

Resumo: Marcial, nascido em BÍbilis, não conseguiu resistir à força centrípeta da Roma Imperial. O *caput mundi* granjeou-lhe a glória do reconhecimento, mas também o consumiu no seu bulício. BÍbilis emerge, volvidos 34 anos na Urbe, como refúgio para uma velhice dedicada à escrita. Contudo, apenas um livro final escreveu Marcial, na Hispânia... Acedendo ao convite esboçado na obra do epigramático, pretendemos compreender como se concretiza e influi na sua produção poética este confronto, que dentro dele se trava, entre o bilbilitano que nasceu e o romano no qual se transformou.

Palavras-chave: Marcial; Epigrama; Roma; BÍbilis; Identidade.

“*Patria est ubicumque est bene.*”

Marco Túlio Cícero
Tusculanae Disputationes, 5.37.108

Marco Valério Marcial nasce bilbilitano, cerca do ano 40 da nossa era, na Província Imperial Romana da *Hispania Tarraconensis*, e é esse bilbilitano que demanda a *Vrbs*, em 64².

Ainda que, em Roma, não negue as suas origens pátrias, que ostentará, aliás, orgulhosamente, nos versos dos seus epigramas, mormente, em 1.49, 4.55 ou 12.18, a verdade é que a sua *Augusta BÍbilis* natal não foi capaz de telurismo bastante que o prendesse, face ao magnetismo exalado pela capital do Império.

Roma, cuja imagem a nós próprios ainda hoje fascina, deveria ser deveras irresistível para um jovem do século primeiro oriundo da província. Ela era, ao tempo e a um tempo, a *Magna Vrbs* poderosa e monumental, a *Vrbs Aeterna* deificada e cultuada, o *Caput Mundi*, centro nevrálgico, onde tudo acontecia, de onde tudo emanava e por onde tudo se plasmava.

¹ Joana Mestre Costa, integrada no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, é investigadora do Centro de Línguas e Culturas e bolsreira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

² Uma reflexão sobre a origem hispânica de Marcial e a pertença romana que, na *Vrbs*, foi paulatinamente burilando resultou na comunicação “Marcial: do bilbilitano em Roma ao romano em BÍbilis”, apresentada, em 2011, no âmbito do XVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, no Rio de Janeiro. Este novo trabalho, que a investigação conducente ao projeto de Doutoramento viria também a exigir, pretende complementar e enriquecer esse estudo primevo, explorando, sobretudo, o impacto literário da divergência entre o *Hispanus* e o *Hispaniensis*.

Muitos foram, pois, os que, desejando experienciar esta cidade superlativa (ou vivenciar as experiências que, superlativamente, proporcionava!), e os que, querendo conhecer o coração do Império (ou, por ele, dar-se a conhecer *Vrbi et Orbi!*), encetaram o rumo de Roma.

Sêneca, também ele um dia recebido pela cidade, esboça do exílio, no seu Diálogo *Ad Helviam Matrem De Consolationem*, o que pode tomar-se por um irrecusável convite à observação deste fascinante influxo:

*Ex municipiis et coloniis suis, ex toto denique orbe terrarum confluerunt. Alios adduxit ambitio, alios necessitas officii publici, alios imposita legatio, alios luxuria opportunum et opulentum uitiis locum quaerens, alios liberalium studiorum cupiditas, alios spectacula; quosdam traxit amicitia, quosdam industria laxam ostendendae uirtuti nancta materiam; quidam uenalem formam attulerunt, quidam uenalem eloquentiam — nullum non hominum genus concurrat in urbem et uirtutibus et uitiis magna pretia ponentem. Iube istos omnes ad nomen citari et “unde domo” quisque sit quaere. Videbis maiorem partem esse, quae relictis sedibus suis uenerit in maximam quidem ac pulcherrimam urbem, non tamen suam. (SÉNECA, *Ad Helu.* 6.2-3)*

(Das suas cidades e colónias, de todo o mundo, na verdade, vieram [os homens] confluír aqui. Uns foram conduzidos pela ambição, outros pela obrigação de um cargo público, certos outros por uma missão de que alguém os encarregou, uns também pelo desejo dos prazeres, que os fez demandar um lugar propício e fértil em vícios, outros por um desejo de estudos superiores, outros ainda pelos espetáculos públicos; alguns foram arrastados pela amizade, alguns, vendo a ampla oportunidade para mostrar proatividade, pela oportunidade de trabalhar, alguns apresentaram a sua beleza para venda, alguns para venda a sua eloquência — toda a sorte de pessoas se tem aglomerado na cidade que oferece altos prémios para ambos: as virtudes e os vícios. Determina que todos eles sejam chamados pelo nome e que a cada um se pergunte: “Donde provéns?” Verás que a maior parte deixou as suas casas e vem para esta cidade, que é realmente uma muito grande e muito bonita, mas não a sua própria.)³

Marcial não deve, seguramente, ter sido alheio a qualquer de entre a miríade de possibilidades que lhe permitia vislumbrar o caleidoscópio romano. Além disso, o exemplo do próprio Sêneca — seu conterrâneo e transformado numa das mais poderosas figuras do Império — deve ter tido, como sugere Jean Paul Oltramare (cf. OLTRAMARE, 1905, p. 40), um efeito impactante sobre o bilbilitano, que, certamente, imaginava poder, por seu intermédio, alcançar o círculo imperial do *Iuuenis Deus*. E

³ A versão portuguesa, posposta para o texto latino de Sêneca, estabelecido por René Waltz, é uma tradução de serviço da autora.

com Nero parecia ser possível recuperar a *Aurea Aetas Augusta* que, sucessivamente, Tibério, Calígula e Cláudio haviam comprometido. O *Quinquennium Neronis* tê-lo-ão tomado muitos, assim assente João Beato (cf. BEATO, 2003, p. 88), como a pedra-de-toque reveladora de que a *Vrbs* retornava à sua glória inaugural. Para Marcial, cuja infância e juventude transcorreram sob o signo da inextricável governação de Cláudio, estes cinco anos bons, que se sucederam à inauguração do principado de Nero, no ano de 55, devem, também, ter pesado a favor da sua partida. Encorajou a ousadia de Marcial a própria BÍBILIS, que, flanqueando, como recorda Alfred Raymond Bellinger (cf. BELLINGER, 1928, p. 425), a grande *uia* que ligava Saragoça a Toledo, tinha franqueadas a Roma as suas portas: e, se por elas entravam soldados, diplomatas, correios, comerciantes e, até, escravos — viajantes, enfim, de toda a sorte e todos trazendo à cidade novas do Império e da sua cabeça —, era inevitável que por elas saíssem filhos seus, almejando apreciar, *in loco*, essa Roma aliciante; era, pois, fatal, que, seduzido e expectante, Marcial, também ele, as transpusesse.

É entre os Sénecas e os Pisões que Marcial, recém-chegado à *Vrbs*, é acolhido, e pareciam não apenas cumprir-se expectativas acalentadas, como consolidar-se garantias de futuro. Contudo, este revelar-se-ia um momento pautado por crudelíssimos golpes que se abateriam sobre o *Caput Mundi* e que, de forma colateral, mas não menos aguda, atingiriam Marcial... Ainda no ano 64, um violentíssimo incêndio, consumindo Roma, agudizaria as dificuldades que enfrentava a cidade, a quem Nero negava agora a sua primeva apolínea face. O Imperador, primeiro, persegue os cristãos a quem inculca as culpas pela catástrofe, aumentando o número das suas mortes e espalhando o terror pela *Vrbs*; para, depois, apresentar o seu novo projeto para a cidade — a sua *Domus Aurea* — a uma Roma cansada do seu despesismo e das suas imposições. E não terminariam por aqui as temeridades do *Princeps*... No ano 65, a descoberta da Conjura Pisoniana arrastaria Pisão, como também, o próprio Séneca e dezenas de outros das relações de Marcial, para o rol dos que pereceriam executados, forçados a cometer suicídio ou degredados no exílio.

A verdade é que esta congeminência representou um pungente golpe nos planos de Marcial, no entanto, seria a crise o motor de uma importantíssima transformação na sua vida. O bilbilitano, saído dos átrios para as ruas de Roma, assim indicia Cristina de Sousa Pimentel (cf. PIMENTEL, 2000, p. 10), perde o contacto com os poderosos, mas ganha a visão da turba; perde o tranquilo desafogo dos privilégios, mas ganha a mais verdadeira experiência da romanidade. Marcial talvez ainda o não suspeitasse, mas seria

o bulício da multidão que daria ao poeta o seu mote, glosado, primeiro, em germinais composições, as *apinas* (*bagatelas*) do *iuuenis et puer* (*menino e moço*), como as descreveria em 1.113⁴; para, depois, desabrochar na sua fulgurante obra. E, entre as ruidosas gentes de Roma (cadinho de virtudes e vícios!), com as quais, no corre-corre do dia a dia, começa, silente, por identificar-se e acaba por confundir-se, nem só o epigramatista se revelará, se não também – acontecimento ainda mais subtil – se transformará o homem!

Com efeito, já não é exatamente a de um bilbilitano em Roma a voz que de tão longo silêncio irrompe, no ano 80, para celebrar a inauguração do Anfiteatro Flávio e, de certa forma, prestar tributo aos seus *Principes*, Vespasiano e Tito; àquele, porque, procurando superar as mazelas infligidas pelas loucuras de Nero e pelo fatídico Ano dos Quatro Imperadores, se apostou, a partir de 69, em relançar o Império e a este, porque, depois de 79, levou a bom porto as empresas lançadas por seu pai. No *Liber de Spectaculis*, ora assombrado pela imponência do Anfiteatro — *Sp.* 1 —, ora grato pela restituição das delícias ao povo e da cidade a si própria — *Sp.* 2 —, ora atônito pela diversidade dos espectadores — *Sp.* 3 —, ora deslumbrado pelos incontáveis e prodigiosos espetáculos — *Sp.* 6 — é Roma que se faz ouvir! A fotografia do estrangeiro rendido à *Magna Vrbs* e que preenche a objectiva apurada de Marcial, em *Sp.* 27, não mais o retrata; entre ele e o *longis serus spectator ab oris* (*espectador tardio, vindo de remotas paragens*) medeia a distância que separa o “eu” do “tu”.

Naturalmente que não seria sensata a premissa que advogasse a plena consciência do poeta relativamente a esta sua iniciada metamorfose, nem tampouco a que defendesse ter-se Marcial apartado por completo da sua original *rusticitas*, em prol de uma *urbanitas* que, de facto, tão melhor lhe assenta. Para o homem, insiste Fustel de Coulanges (cf. COULANGES, 1984, pp. 4-5), não é possível desvincular-se do seu passado, e, efetivamente, a génese hispânica e a naturalidade bilbilitana não serão olvidadas por Marcial, sendo convocadas para os seus versos, em 1.61 ou em 4.55, por exemplo. No entanto, Bilibilis assemelha-se, mais e mais, com o *locus amoenus* idealizado da proveniência que com o espaço real da pertença:

Vir Celtiberis non tacende gentibus

⁴ Os epigramas de Marcial são sempre citados a partir da edição crítica publicada por David Roy Schackleton Bailey, indicando-se, em numeração árabe, o livro, o epigrama e o verso. A tradução portuguesa, posposta ao texto latino dentro de parêntesis, é a de Cristina Pimentel, Delfim Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira, que toma a citada edição crítica de Schackleton Bailey como referência.

*nostraeque laus Hispaniae,
uidebis altam, Liciniane, Bilbilin,
equis et armis nobilem,
senemque Caium niuibus, et fractis sacrum
Vadaveronem montibus,
et delicati dulce Boterdi nemus,
Pomona quod felix amat.
tepidi natabis lene Congedi uadum
mollesque Nympharum lacus,
quibus remissum corpus astriges breui
Salone, qui ferrum gelat.
praestabit illic ipsa figendas prope
Voberca prandenti feras.
aestus serenos aureo franges Tago
obscurus umbris arborum;
auidam rigens Derceita placabit sitim
et Nutha, quae uincit niues.
at cum December canus et bruma impotens
Aquilone rauco mugiet,
aprica repetes Tarraconis litora
tuamque Laletaniam.
ibi illigatas mollibus dammas plagis
mactabis et uernas apros
leporemque forti callidum rumpes equo —
ceruos relinques uilico.
uicina in ipsum silua descendet focum
infante cinctum sordido;
uocabitur uenator et ueniet tibi
conuiuia clamatus prope;
lunata nusquam pellis et nusquam toga
olidaeque uestes murice;
procul horridus Liburnus et querulus cliens,
imperia uiduarum procul;
non rumpet altum pallidus somnum reus,
sed mane totum dormies.
mereatur alius grande et insanum sophos:
miserere tu felicium
ueroque frueri non superbus gaudio,
dum Sura laudatur tuus.
non impudenter uita quod relicum est petit,
cum fama quod satis est habet. (1.49)*

*(Ó varão que os povos celtiberos não devem calar,
e glória da nossa Hispânia,
verás, Liciniano, a altaneira Bilbilis,
ilustre pelos cavalos e armas,
e o velho Caio com suas neves, e o sacro
Vadaverão de montes escarpados,
e o agradável bosque do delicado Boterdo,
que a fértil Pomona ama.*

*Irás banhar-te nas suaves águas do tépido Congedo,
 e nos lagos amenos das Ninfas,
 e o corpo por eles amolecido, irás tonificá-lo no ténue
 Salão, que dá têmpera ao ferro.
 Ali à mão, fornecerá, fáceis de caçar,
 os animais para o teu almoço, a própria Voberca.
 Hás-de mitigar o calor dos dias de sol no aurífero Tago,
 escurecido pelas sombras das árvores;
 há-de aplacar-te a ávida sede a gélida Dercena
 e Nuta que vence a neve.
 E quando o branco dezembro e o inverno desenfreado
 bramirem com o rouco Aquilão,
 procurarás a costa soalheira de Tarragona
 e a tua Laletânia.
 Aí, gamos embaraçados nas flexíveis redes
 tu imolarás e javalis das tuas terras,
 e estafarás a lebre ágil com um possante cavalo,
 e deixarás os cervos para o caseiro.
 O vizinho bosque descera à tua lareira,
 rodeada de crianças desgrenhadas;
 será convidado o caçador, e virá até tua casa
 como conviva que, de perto, tu chamaste;
 nada de sapatos ornados de lúnula, nada de toga
 nem de roupas que tresandem a púrpura;
 longe do horrível liburno, e do queixoso cliente,
 longe das exigências das viúvas;
 o réu não virá, branco, quebrar-te o sono profundo,
 antes dormirás toda a manhã.
 Receba outro um desmedido e malsão aplauso:
 quanto a ti, tem piedade dos afortunados
 e, sem arrogância, goza uma alegria autêntica,
 enquanto o teu Sura é exaltado.
 Não é vergonha que a vida procure o que lhe resta,
 quando a fama já tem o que lhe basta.)*

É a multímoda Roma que o cativa, que lhe capta o olhar e lhe move a pena!

E ao poeta que, de permeio a uma crítica mordaz e a um elogio sincero, lhe oferece a sua Talia, o *Caput Mundi* presenteia com a fama na Urbe:

*Laudat, amat, cantat nostros mea Roma libellos,
 meque sinus omnes, me manus omnis habet. (6.60.1-2)⁵*

*(Louva, ama, canta a minha Roma os meus livros,
 e todos os regaços e todas as mãos me levam.)*

e, invejavelmente, por todo o Orbe:

⁵ Vide, ainda, 5.16.

*Liuet Charinus, rumpitur, furit, plorat
et quaerit altos unde pendeat ramos:
non iam quod orbe cantor et legor toto,
nec umbilicis quod decorus et cedro
spargor per omnes Roma quas tenet gentes (8.61.1-5)*

*(Está verde de inveja Carino, rebenta, fumega, chora
e procura altos ramos donde se enforque:
não já porque sou cantado e lido no mundo todo,
nem porque ornado de cilindros e cedro
sou divulgado por todos os povos que Roma domina)*

E não só o Império como, também, os seus Imperadores se lhe rendem, agradados pela arte e, certamente, não menos, pelo encómio:

— *namque solent sacra Caesaris aure frui* — (7.99.4)

(— *pois eles costumam fruir do sacro ouvido de César* —)

Assim, pôde Marcial beneficiar do reconhecimento de Tito, primeiro, depois, de Domiciano, como orgulhosamente refere em 3.95, alcançando, como *praemia* (prémios), o *ius trium liberorum* (privilégio de paternidade de três rebentos) e o ingresso na *ordo equester*, e conquistando, ainda, dos *Principes* a proximidade necessária de modo que, por sua intercessão, *sunt munere ciues* (se tornaram cidadãos) alguns antigos escravos.

Os seus epigramas chegaram tão alto, quanto aos Césares, tão longe, quanto à Britânia, mas com eles não acumularia fortuna:

*sed meus in Geticis ad Martia signa pruinis
a rigido teritur centurione liber,
dicitur et nostros cantare Britannia uersus.
quid prodest? nescit sacculus ista meus. (11.3.3-6)⁶*

*(pois, nas neves dos Getas e sob as insígnias de Marte,
O meu livro é folheado amiúde pelo duro centurião
e até se diz que a Britânia canta os meus versos.
E que me aproveita? A minha bolsa ignora tais coisas.)*

Privado, como qualquer dos seus pares, segundo Thomas Habinek (cf. HABINEK, 1998, p. 106) ou Catherine Connors (cf. CONNORS, 2000, p. 214), de lucrar com a venda dos livros, e impedido, por isso, contrariamente ao que sucedia com

⁶ Vide, ainda, 5.13 e 11.108.

oradores e demais funcionários do Foro Romano — 1.76⁷ —, com citaredos, flautistas, pregoeiros e arquitetos — 5.56⁸ —, com sapateiros, pisoeiros e taberneiros — 3.59⁹ —, ou com aurigas — 10.74¹⁰ —, de poder bastar-se através da sua profissão e na ausência, ainda, de desinteressados benfeitores que protegessem os artistas e promovessem as artes — 11.3 —, a Marcial não restava outra alternativa que não a sujeição perante patronos interesseiros, a quem ele, *cliens*, suplicasse pela *sportula*, em troca da humilhação do homem e do emudecimento do poeta:

*Dum te prosequor et domum reduco,
aurem dum tibi praesto garrienti,
et quidquid loqueris facisque laudo,
quot uersus poterant, Labulle, nasci!
Hoc damnum tibi non uidetur esse,
si quod Roma legit, requirit hospes,
non deridet eques, tenet senator,
laudat causidicus, poeta carpit,
propter te perit? Hoc, Labulle, uerum est?
Hoc quisquam ferat? Vt tibi tuorum
sit maior numerus togatulorum,
librorum mihi sit minor meorum?
Triginta prope iam diebus una est
nobis pagina uix peracta. Sic fit
cum cenare domi poeta non uult. (11.24)¹¹*

*(Enquanto te escolto e a casa te acompanho,
enquanto presto atenção à tua tagarelice
e quanto dizes e fazes me ponho a aplaudir,
quantos versos, Labulo, poderiam ter nascido!
Não te parece isto ser um crime,
se o que Roma lê e o forasteiro procura,
o que não desagrada ao cavaleiro e o senador decora,
o que louva o advogado e o poeta critica,
por tua culpa se perder? Pode lá isso ser, Labulo?
Pode alguém suportá-lo? Que, para ser maior
o número dos teus clientecos togados,
seja menor o número dos meus livros?
Já quase trinta dias são passados e ainda uma
página mal tenho completa. É o que acontece,
quando jantar em casa um poeta não quer.)*

⁷ Vide, ainda, 2.30.

⁸ Vide, ainda, 3.4 e 6.8.

⁹ Vide, ainda, 3.16 e 9.73.

¹⁰ Vide, ainda, 10.76.

¹¹ Vide, ainda, 3.4, 3.14, 3.36, 5.19, 5.20, 10.58, 10.70, 10.74 e 10.96.

Vive, pois, prosternado, conquanto tenha alcançado mudar-se do terceiro andar arrendado no Quirinal, descrito em 1.117, para a pequena casa comprada na mesma vizinhança, referida, por exemplo, em 9.18¹², ainda que mantivesse uma quintarola em Nomento, mencionada, também, em 9.18¹³, embora chegasse a possuir alguns escravos, como variadíssimas composições deixam divisar, mormente, 1.88, 1.101, 3.65, 5.34, 5.37, 5.46, 5.64, 6.34, 8.63, 8.67, 9.93, 10.61, 11.26, 11.58, 11.73 e 12.71. E tão mais miserável se sente — já num estudo prévio, em parceria com João Manuel Torrão, isto se concluíra (cf. TORRÃO e COSTA, 2010, p. 96) — quanto mais se engrandece o seu nome!

Excessivamente indulgente, para com esta e outras proporcionalidades inversas que injustiçavam sobretudo os poetas, a *Magna Vrbs* acabaria por cunhar no espírito de Marcial também o selo do desapontamento magoado. Em Roma, alerta ele o incauto Sexto de 3.38, o talento nem sempre vem acompanhado da merecida recompensa e a espórtula é tudo menos um rendimento confiável. A Urbe cede à Sorte o papel principal:

si bonus es, casu uiuere, Sexte, potes. (3.38.14)

(Se és honesto, Sexto, por obra da Sorte poderás viver.)

E Láquesis parecia apostada em embaraçar o fio da vida do poeta!

Domiciano, que maculara, pelo despotismo e pela barbárie, a Dinastia Flávia, mas a quem Marcial oferecera os mais elogiosos epigramas e dedicara, formalmente, dois dos treze livros que, até então, escrevera, acabaria assassinado e votado à *damnatio memoriae*, no ano 96, derrubando, na sua queda, o epigramatista. O César, apesar de adulado, não seria benquisto por Marcial, cujas *blanditiae* eram ditadas por uma obrigação social de *clientela* para com o Imperador, que Thomas Wiedemann explicita (cf. WIEDEMANN, ³1997, p. 6), e não menos pela esperança que as *gratiae* imperiais lhe pudessem vir a conceder as garantias que outrora assistiram aos poetas. A sujeição a Domiciano era só mais uma entre aquelas com as quais compactuava, a menos permissiva, no entanto. O *Princeps* era o único patrono de quem não arriscaria desvincular-se e não apenas por uma questão de privilégio, mas por razões de segurança, sobretudo. O epigrama 7.34, como observou Cristina de Sousa Pimentel (cf. PIMENTEL, 2001, pp. 7-8), é o único em que veladamente sugere a falta de liberdade e

¹² Vide, ainda, 9.97.

¹³ Vide, ainda, 2.38 e 9.97.

o clima de suspeição vivido em Roma, sob o mando deste Imperador. E apenas por um outro motivo e menos gravoso — o da substituição das espórtulas em dinheiro por jantares — arrisca Marcial contestar abertamente a política de Domiciano, como faz em 3.7 e 8.49(50). Roma, porém, na alvorada dos Antoninos, não se compadeceria dos receios do poeta, nem contabilizaria a sua pontual ousadia. De nada valeria também a Marcial procurar retratar-se, como pretendeu fazer, em 97 e 98, respetivamente, com a publicação da sua décima quarta obra, o *Liber XI*, em que tece o encómio de Nerva, e com a reedição do *Liber X*, donde é banida a figura de Domiciano, para se dar lugar ao panegírico a Trajano, que, entretanto já sucedera ao seu pai adoptivo.

É, precisamente, no *Liber X*, nessa segunda edição sobrevivente, que, como evidencia Isabel Graça (cf. GRAÇA, 2011, pp. 35-52), o epigramatista ensaia o seu regresso à Hispânia, concretizado ainda nesse ano. Depois de trinta e quatro anos¹⁴ na *Urbs*, pautados por penas (e por quantas alegrias!), Bilibis afluía, numa constante, ao seu pensamento, como o último reduto para uma velhice tranquila:

*Saepe loquar nimium gentes quod, Auite, remotas,
miraris, Latia factus in urbe senex,
auriferumque Tagum sitiam patriumque Salonem
et repetam saturae sordida rura casae.
Illa placet tellus, in qua res parua beatum
me facit et tenues luxuriantur opes:
pascitur hic, ibi pascit ager; tepet igne maligno
hic focus, ingenti lumine lucet ibi;
hic pretiosa fames conturbatorque macellus,
mensa ibi diuitiis ruris operta sui;
quattuor hic aestate togae pluresue teruntur,
autumnis ibi me quattuor una tegit.
I, cole nunc reges, quidquid non praestat amicus
cum praestare tibi possit, Auite, locus. (10.96)¹⁵*

*(Admiras-te, Avito, de eu, que envelheci na cidade do Lácio,
a miúdo falar muito de povos remotos,
de eu ter sede do aurífero Tago e do meu pátrio Salão
e de eu tornar aos duros campos de uma bem recheada quintinha.
A terra que me apraz é aquela na qual sou rico
com pouco e os magros recursos são um luxo.
Aqui é sustentada, ali a terra sustenta; aqui se amorna
a lareira com uma débil chama, ali com um clarão ela brilha;
aqui é cara a fome e lugar de ruína o mercado,
ali a mesa se cobre de riquezas de seu próprio campo;
aqui quatro togas ou mais no verão se gastam,*

¹⁴ Cf. 10.103. Ou, eventualmente, 35! Cf. 12.31.

¹⁵ Vide, ainda, 10.13, 10.78, 10.92, 10.103 e 10.104.

*aí durante quatro outonos me cobre a mesma.
Anda lá, serve agora os patronos, Avito, quando um lugar te
pode dar tudo o que te não dá um amigo.)*

Em BÍlbilis, poderia, então, o poeta furtar-se aos pesados encargos económicos da vida urbana e às dificuldades em bastar-se, ao perigo de incêndio que sempre pairava sobre a cidade, à carestia dos bens e às ameaças da fome, ao desgaste acelerado que consumia as coisas, e, do mesmo modo, as pessoas. Lá também seria poupado de outras agruras urbanas: a falta de água — 9.18 —, o barulho incessante — 12.57 —, a permanente agitação — 4.8. Ali, estaria, ainda, a salvo de patronos impertinentes — 1.70 —, de livreiros avaros — 7.77 — e de vergonhosos plagiários — 1.66 — a sua Talia.

Esta partida, todavia, corresponderia menos a um desejo decorrente do cansaço citadino, que a uma necessidade motivada pela marginalização a que Roma o sacrificara. Assim, Marcial, embora desiludido com a *Vrbs*, não sem pena, prepara-se para deixar a cidade. E, depois de recomendar a Márrio os cuidados da sua quinta — 10.92 — e aos seus escritos que o precedam e o anunciem em BÍlbilis — 10.104 —, faz-se ao caminho.

Este homem, que, agora, retorna a BÍlbilis, não é o mesmo que, um dia, chegara a Roma. A metamorfose completou-se e, definitivamente, já não é o bilbilitano que regressa. Marcial tanto se demorou sobre uma cidade que se transformava (é imperdível a imagem traçada por Ugo Enrico Paoli a este propósito (cf. PAOLI, 1990, pp. 299-302)) que se transmutou com ela! Assim, as pendulares deslocações, efetivas ou idealizadas, que empreende Marcial e que brilhantemente sintetizou Isabel Graça, no seu já mencionado estudo, só fisicamente terminarão em BÍlbilis (cf. GRAÇA, 2011, pp. 35-52). É que por uma trágica ironia, apenas na Hispânia compreenderá cabalmente o poeta que, afinal, é romano...

Ao gáudio da volta e à tranquila satisfação do bucolismo hispânico, que o fazem exclamar:

Sic me uiuere, sic iuuat perire. (12.18.26)

(Assim me apraz viver, assim me apraz morrer.)

sem demora, sucede o embaraço do confronto entre a BÍlbilis idealizada e a realidade que veio encontrar:

*Otia me somnusque iuuant, quae magna negauit
Roma mihi: redeo, si uigilatur et hic. (12.68.5-6)*

*(Agrada-me o sossego e o sono que a grandeza de Roma
me negava então: regresso, se nem aqui posso dormir.)*

e uma pungente saudade da *Vrbs* que Marcela, a custo, mitiga (para não dizer, em vão procura mitigar!):

*Tu desiderium dominae mihi mitius urbis
esse iubes: Romam tu mihi sola facis. (12.21.10-11)*

*(Que me seja mais branda a saudade da Urbe soberana
tu ordenas: só tu em mim preenches o lugar vago de Roma.)*

Marcial parece, enfim, consciente (e dolorosamente consciente!) de que deixara para trás, perdida na *Magna Vrbs*, uma parte fundamental de si próprio. Tornara à sua Hispânia natal, mas tomara-o uma nostalgia imensa que silenciaria, até, a sua Talia.

Apenas um último livro — o *Liber XII* — (e por muita insistência de Prisco!) escreve o epigramatista, em BÍbilis. Pudera encontrar, na província, os tanto e por tanto tempo almejados, *otia* (*tempo livre*) — 1.107 — e *munera* (*dádivas*) — 8.55(56) — que, conquanto não *Maecenatis* (*de Mecenas*), mas de bons amigos, lhe poderiam garantir uma vida sem cuidados e inteiramente dedicada à poesia. Porém, de nada lhe valeriam, agora que se alonjara de Roma.

Na dedicatória proemial do *Liber XII*, Marcial revela as razões do seu silêncio: fazem-lhe falta os seus concidadãos romanos, esses que garantem os leitores dos seus livros e os temas para os seus epigramas:

[...] accipe ergo rationem. in qua hoc maximum et primum est, quod ciuitatis aures, quibus assueueram quaero, et uideor mihi in alieno foro litigare; si quid est enim quod in libellis meis placeat, dictauit auditor: illam iudiciorum subtilitatem, illud materiarum ingenium, bibliothecas, theatra, conuictus, in quibus studere se uoluptates non sentiunt, ad summam omnia illa, quae delicati reliquimus desideramus quasi destituti. [...]

(Vou dizer-te da minha justiça. A razão primordial é que busco os ouvidos da cidade, aos quais me habituara, e parece-me que estou a litigar num foro estrangeiro. Se alguma coisa há que nos meus livros agrade, foram os ouvintes que a ditaram: aquela argúcia dos juízos, aquela fecundidade dos argumentos, as bibliotecas, os teatros, as reuniões, onde se estuda sem que o prazer se ressinta – em suma, tudo aquilo que, por despeito, abandonei e de que agora sinto a falta, a modos que defraudado.)

Enfim, faz-lhe falta a *Vrbs*, pois, tal como este seu décimo segundo livro *Hispaniensem*, que não pretendia *Hispanum*, ele próprio, possuía, também, uma origem diversa da pertença!

Para seu pesar e para prejuízo da sua criação poética, Marcial não volveria a Roma, pelo menos não fisicamente. Era lá, no entanto, que se pretendia e imaginava, neste derradeiro momento. Era lá, na verdade, que se sentia bem. Era essa *terrarum dea gentiumque Roma, / cui par est nihil et nihil secundum (Roma, deusa do mundo e das gentes, / a quem nada se compara, nem de perto, nem de longe)*, como a concebe em 12.8.1-2, a sua pátria!

Martial: *Hispanus* or *Hispaniensis*?

Abstract: Martial, born in *Bilbilis*, wouldn't be able to resist the centripetal force from Imperial Rome. The *caput mundi* earned him the glory of recognition, but also consumed the poet in its bustle. *Bilbilis* would emerge, after 34 years spent in the *Vrbs*, as a refuge for an old age devoted to writing. However, only one final book has Martial written in *Hispania*... Accessing the invitation outlined by the work of the epigrammatic, we intend to understand how is his poetry influenced by this confrontation, raging within him, between the *Bilbilitan* he was born and the Roman he became.

Keywords: Martial; Epigram; Rome; *Augusta Bilbilis*; Identity.

Referências

BEATO, J. Da normalidade de Calpúrnio à singularidade de Nemesiano. *Ágora: Estudos Clássicos em Debate*, Aveiro, n. 5, pp. 83-105, 2003.

BELLINGER, A. R. Martial, the suburbanite. *The Classical Journal*, Chicago, v. 23, n. 6, pp. 425-435, 1928.

CÍCERO, M. T. *Tusculan Disputations*. Translation and Edition by J. E. King. v. 18, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1927

CONNORS, C. Imperial space and time: The literature of leisure. In: TAPLIN, O. (ed.). *Literature in the Roman World*. Oxford: Oxford University Press, 2000, pp. 208-234.

COULANGES, F. *La Cité Antique*. Paris: Flammarion, 1984.

GRAÇA, I. *Roma na Poesia de Marcial: imagens e ecos de um espaço físico e social*. 447f. Tese (Doutoramento em Literatura: Literatura Latina) — Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2011.

HABINEK, T. *The Politics of Latin Literature: writing, identity, and Empire in Ancient Rome*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 1998.

MARCIAL, M. V. *Epigrams*. Translation and Edition by D. R. Shackleton Bailey. v. 1-3, Loeb Classical Library, Cambridge, Massachusetts and London, Harvard University Press, 1993.

MARCIAL, M. V. *Epigramas*. Introdução e Notas de C. S. Pimentel e Tradução de D. F. Leão (*Livro dos Espetáculos e Livro VII*), J. L. Brandão (*Livros I e II*) e P. S. Ferreira (*Livros III e VIII*). v. 1 e 3, Clássicos Gregos e Latinos, Lisboa, Edições 70, 2000 (v. 1) e 2001 (v. 3).

OLTRAMARE, J. P. Les Épigrammes de Martial et le Témoignage qu'elles apportent sur la Société Romaine. *Bulletin de l'Institut National Genevois* Genève, v. 36, pp. 37-60, 1905.

PAOLI, U. E. *Rome — Its People, Life and Customs*. Translated from the Italian by R. D. Macnaghten, London: Bristol Classical Press, 1990.

SÉNECA, L. A. *Dialogues: Consolations*. Texte établi et traduit par R. Waltz. v. 3, Collection des Universités de France — Série Latine, Paris, Les Belles Lettres, 1923.

TORRÃO, J. M.; COSTA, J. M. Inveja e Emulação em... Marcial: A vida e os seus costumes temperados com sal romano. In: PEREIRA, B. F.; DESERTO, J. (org.). *Symbolon II — Inveja e Emulação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, pp. 71-101.

WIEDEMANN, T. *The Julio-Claudian Emperors*. London: Bristol Classical Press, 1997.

Data de envio: 31 de janeiro de 2013.

Data de aprovação: 10 de junho de 2013

Data de publicação: